

## O RECURSO DO MÉTODO – UMA LEITURA INTERTEXTUAL

Tatiana Selva Pereira<sup>1</sup>

**RESUMO:** *This essay studies the Cuban novel El Recurso del Método by the Cuban novelist Alejo Carpentier, precursor of the “marvelous realism” in the Americas from a comparative perspective of literary theories and notions such as intertextuality, the cultural decolonization process, deterritorialization, literary and cultural hybridism and the search for cultural identity within the historical, social and political framework of Carpentier’s literary rendering. Some fundamental notions about the historical evolution of comparative literature are dealt with to better comprehend the importance of Carpentier’s literary work, his contribution to a genuine Latin American identity as well as the inclusion of this peripheral literature into the world literature. Providing some examples of this literary device present in the novel, the origin and definition of the so-called “marvelous reality” are focused. The intertextual nature of Carpentier’s text and its carnivalized discourse, its hybrid features and the transcultural issues are outlined in this essay as well.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Real-maravilhoso. Intertextualidade. Descolonização cultural. Desterritorialização. Hibridismo. Identidade. Carnavalização. Transculturalização.*

*O real maravilhoso se encontra a cada passo nas vidas de homens que inscreveram datas na história do continente e deixaram sobrenomes que ainda são usados: desde os que buscavam a fonte da juventude, da áurea cidade de Manoa, até certos rebeldes de primeira hora ou certos heróis modernos das nossas guerras de independência de tão mitológico traçado como a Coronela Juana de Azarduy.*  
Alejo Carpentier

A Literatura Comparada, como disciplina, vem praticando tradicionalmente o estudo das relações intraliterárias e interliterárias que se estabelecem entre sistemas literários e, em especial, entre literaturas de longa tradição, como a européia – chamadas de etnocentristas, e as literaturas americanas – ex-colônias consideradas como “periféricas” ou “emergentes”. Constituídas fora do campo das grandes literaturas, estas literaturas “marginalizadas” encontram-se sempre em desvantagem; são inferiorizadas, estereotipadas e consideradas “cópias”, “meras imitações” do modelo literário das literaturas metropolitanas.

Marcadas pelo processo de colonização e de transposição violenta das línguas e das culturas hegemônicas, as literaturas tidas como periféricas mantêm um vínculo “pseudonatural” com as literaturas européias – o fenômeno da dependência cultural. Quando os países latino-americanos tornam-se independentes começam a tomar como modelo as literaturas européias, em especial a francesa, e, mais recentemente, a norte-americana. Acontece, então, o deslumbramento pela civilização francesa e o esquecimento de uma história cultural americana.

O livro *Literatura e Americanidade* (BERND, CAMPOS, 1995) apresenta estudos que propõem resgatar a história americana, colocando lado a lado as literaturas da América do Sul, da América Central e da América do Norte, tentando esboçar traços de uma americanidade, de um sentimento de pertencimento à América, através de visões diversas. Fica evidente a relação entre as literaturas americanas e as da Europa, mas também entre as literaturas americanas entre si.

A literatura americana ou “emergente” nasce da busca da sua própria identidade, da tomada de consciência de si mesma e da noção de que a sua produção literária se constrói através do diálogo e do olhar do outro. É neste diálogo constante entre culturas que surgem novos temas, novas propostas e perspectivas para se construir um modelo literário diferente capaz de contribuir para o universo cultural ao qual pertencemos, que ultrapassa nações e continentes.

No que diz respeito à literatura latino-americana, essa entra em cena através de grandes escritores como o cubano Alejo Carpentier, que abre uma via literária imaginativa e fantástica, baseada na realidade americana, na sua história e em seus mitos. O real maravilhoso surge como resposta à incessante busca do “próprio”, da diferença, da nossa consciência latino-americana, da nossa identidade como cidadãos da América Latina e do mundo, possuidores de uma rica cultura e história, ou seja, surge como um resgate do autóctone.

Algum tempo depois de Alejo Carpentier haver formulado, no prólogo do seu romance *O Reino deste Mundo*, a pergunta: “O que é a história da América Latina senão uma crônica do maravilhoso no real?”, o real maravilhoso passaria a ser usado pela crítica literária e serviria à elaboração de uma idéia da América como

<sup>1</sup> Tatiana Selva Pereira é mestranda em Literatura Comparada pela Universidade federal do Rio Grande do Sul.

tesouro de prodígios naturais, culturais e históricos, dando uma nova orientação ficcional ao romance hispano-americano. Nascido entre 1948 e 1949, o real maravilhoso é eclético em sua essência, exagerando a discordância entre a realidade narrativa e os elementos fantásticos. O termo reflete, através da sua fantasia, toda uma série de superstições, crenças populares e religiosas que são próprias do sentimento latino-americano.

## 1 DEFININDO O REAL-MARAVILHOSO

Alejo Carpentier define, no prefácio de *O Reino deste Mundo*, romance que inicia a seqüência da sua proposta literária, o real maravilhoso e, nesse sentido, diz:

[...] acontece que muitos esquecem- disfarçados de mágicos baratos- que o maravilhoso começa a sê-lo, de maneira inequívoca, quando surge de uma inesperada alteração da realidade [o milagre] de uma revelação privilegiada da realidade, de um destaque incomum ou singularmente favorecedor das inadvertidas riquezas da realidade, ou de uma ampliação das escalas e categorias da realidade, percebidas com particular intensidade, em virtude de uma exaltação do espírito, que o conduz até um tipo de “estado limite.” (CARPENTIER, 1985: XV)

Mais tarde ele próprio parafrasearia a sua definição como aquele que achamos em estado bruto, latente, onipresente em tudo o latino-americano. Aqui “o insólito sempre foi cotidiano” (CARPENTIER, 1987: 141), isto é, o real-maravilhoso é a coexistência, num mesmo espaço e tempo, de dois mundos diferentes: o real e o maravilhoso ou insólito. Através da descrição da realidade latino-americana e fazendo uso de uma linguagem eloqüente, rica, cheia de matizes, por vezes majestosa e erudita, entrelaçam-se, na narrativa, a realidade e o sonho, a razão e a imaginação, a história e a fábula, a vida e a morte para conformar uma espécie de tapete mágico e alegórico. No real-maravilhoso a realidade é mais maravilhosa que a fantasia. Carpentier introduz o real maravilhoso ou sua realidade maravilhosa americana como um novo projeto de leitura do real controlado pela razão e ao mesmo tempo pela fé. Na visão desse autor, é necessário acreditar no maravilhoso para que ele exista.

O seguinte trecho de *O Recurso do Método* mostra a presença do real maravilhoso e como ele opera dentro do romance, isto é, como feixe da narrativa de um dos combates liderados pelo *Primeiro Magistrado* contra os militares que tentavam derrubá-lo do poder:

Mas o Primeiro Magistrado, pela primeira vez, mostrava-se vacilante: aquele era o Santuário Nacional da Divina Pastora, padroeira do país e do Exército. Objeto de devoção, meta de peregrinações, jóia da arquitetura nacional... “Que saco!, dizia o Coronel Hoffman, [...] “A guerra não se faz com santinhos.”[...] “E se a Divina Pastora for danificada?”, perguntava o Primeiro Magistrado.[...] Vejo que não há mais remédio”,[...] Os canhões Krupp foram apoiados em ângulo de tiro.[...] ... e saiu o primeiro disparo. Quebrada em seu centro, a torre soltou os sinos sobre o teto do santuário, num tronar de pedras e esculturas caídas. Disparou a segunda peça, [...]que entrou pela porta principal, atravessando o altar-mor sem tocar na estatua da Divina Pastora, que ficou ali, intacta, indiferente, de pé em seu nicho, sem sequer balançar- portento que foi recordado, desde então, como “ o Milagre da Nova Córdoba”. “A Virgem estava conosco!, gritavam os vencedores.” (CARPENTIER, 1984: 68)

O real maravilhoso é visto na realização do Milagre da salvação da Virgem pela fé. Aqui o insólito acontece, pois não é possível que depois de dois tiros de canhão e da queda dos sinos a Virgem possa ter ficado intacta.

O exemplo a seguir é uma outra manifestação desse recurso através da exaltação do espírito da personagem, que entra num verdadeiro delírio ao saber que um dos seus homens de confiança, o *Coronel Hoffman*, acaba de trai-lo:

Logo chegaria novembro – o nosso novembro – com a Festa dos Mortos, e os cemitérios se transformariam em feiras de quermesses, com vistosos adornos de tumba a tumba, realejos aos quatro ventos, violões sobre a lápide do defunto, [...] Mortos de açúcar-cande, mortos de crocante rosado, mortos-caveiras de caramelo, de marzipã, de pasta de gergelim, entre pás de coveiros e cordas de enterradores, [...] E chegariam também os que vendiam esqueletinhos dançarinos, coroados, [...] passeando sua Dança Macabra de mausolés e cruzeiros, ao grito de: ‘Um mortinho para o seu filho’, [...] E os diálogos que se davam, e as piadas que voavam, e as provocações, [...] ‘Ah, meu compadre! que feliz está com seu mortinho! ‘Ah, meu compadre, e como era vagabundo e cabrão o seu!’ ‘ É isso aí, meu compadre! O seu tampouco foi tão santo!’ ‘Foi por isso, meu compadre, que comeu sua avó!’ (CARPENTIER, 1984: 108-9)

Como se pode ver o real maravilhoso se faz presente pela ampliação da escala da realidade (a Festa dos Mortos), que é percebida pelo *Primeiro Magistrado* delirante e encerrado numa espécie de círculo mágico. Aqui Carpentier mistura realidade e sonho, razão e imaginação, sendo os últimos diálogos apresentados como corriqueiros, o que não deixa de ser insólito.

## 2 UM “MOVIMENTO LITERÁRIO”

Preocupado com os problemas políticos, econômicos e sociais comuns que atingem os países latino-americanos, e diante do perigo constante de intervenção que sombreia o futuro destes países, da crescente influência dos Estados Unidos no continente e, sobretudo, na busca incessante da recuperação histórica do continente americano através da ficção e da identidade cultural latino-americana, o escritor cubano Alejo Carpentier compila um número extraordinário de informações acerca das nações latino-americanas, nas quais se apóia para dar início a uma sequência de romances que lidam com os aspectos do real maravilhoso, obras como: *O Reino deste mundo* (1949), que inicia a série, *Os Passos Perdidos* (1953), *O Século das Luzes* (1961) e, em 1974, *O Recurso do Método*, cujo título é um intertexto do tratado filosófico de René Descartes *O Discurso do Método* para satirizar a ação política do ditador latino-americano.

Este movimento, próprio da literatura latino-americana, prosperou nas décadas de 60 e 70 provocando o *auge* dessa literatura, num momento histórico em que as ditaduras confrontavam uma cultura que buscava afastar-se do autoritarismo e exilar-se da perseguição. Escritores como Carlos Fuentes, Julio Cortazar, Mario Vargas Llosa e Gabriel García Márquez ganharam o reconhecimento ao cultivar em suas obras este movimento ou recurso que descreve a vida e a história de todo o povo latino-americano.

### 3 O RECURSO DO MÉTODO

A noção de intertextualidade interessa à literatura comparada como um dos princípios básicos da teoria textual. O termo migrou para os estudos literários quando Kristeva, em 1966, o definiu como “uma propriedade do texto literário, ‘que se constrói como um mosaico de citações, como absorção e transformação de outro texto’” (KRISTEVA, apud CARVALHAL, 2003: 72) Para ela, “em lugar da noção de intersubjetividade se instala a de intertextualidade e a linguagem poética se lê, ao menos como dupla” (KRISTEVA, apud CARVALHAL, 2003: 72) Tania Franco Carvalhal (2003, p.73) apresenta as três premissas da teoria do texto: “a) que a linguagem poética é a única infinitude do código; b) que o texto literário é duplo: escrita/leitura; c) que o texto literário é um feixe de conexões”.

Entendemos o texto então como “diálogo de várias escrituras”. Assim o texto destaca sua natureza heterotextual. A obra absorve os significados dos textos com os quais estabelece o diálogo; diálogo que acontece em três linguagens, a do escritor, a do destinatário, e a do contexto cultural, atual ou anterior.

Do ponto de vista de CLOUARD (1965, p.97), o romance *O Recurso do Método* de Alejo Carpentier pode ser interpretado como uma leitura latinizada do livro do filósofo francês René Descartes, *O Discurso do Método*. As analogias entre os dois escritores são múltiplas: ambos recusam idéias feitas, impostas, a idolatria ao passado; defendem os antigos, não pela autoridade mas pela razão; foram exilados, transitaram por vários países, moraram no estrangeiro, enfim, lutaram contra o autoritarismo e qualquer forma de opressão. Carpentier é uma espécie de Descartes latino-americano, que elabora uma outra teoria crítica contra o autoritarismo e o estado das coisas: o real maravilhoso pode ser compreendido como um contra-discurso, já que na América os seguidores de Descartes são os colonizadores e os representantes do poder que usam sua filosofia para subjugar, explorar e matar. O iluminismo é fortemente criticado na América por Carpentier e seus colegas de movimento. Em *O Recurso do Método* o Primeiro Magistrado encarna as idéias cartesianas trazidas pela cultura européia. Ao longo da obra o Carpentier, nos revela através do recurso do método de governar do Primeiro Magistrado, algumas das quatro regras do Discurso do Método como a de só admitir como verdadeiro o que parece evidente e a de dividir o problema em tantas partes quantas as possíveis e recompor a totalidade subindo como por degraus, mas do ponto de vista daquele que responde aos interesses de quem massacra. O autor também coloca epígrafes com alguns dos ensinamentos do Descartes ao início de cada capítulo e tenta de uma maneira particularmente irônica mostrar como é que se manifesta este ensinamento na ação cotidiano do mandatário latino-americano.

O gênero romance serve ao projeto de Carpentier uma vez que esse é o espaço polifônico (múltiplas vozes circulam no texto) e plurilinguístico (diferentes linguagens). É o lugar onde se pensa o viver em conjunto, em sociedade (BAKHTIN, 1990) O romance de Carpentier se caracteriza por um processo de carnavalização entendida como a inscrição na literatura dita “cultura”, da literatura popular. Dito de outra forma, a carnavalização entendida no sentido bakhtiano do termo, ou seja, um discurso que requer da participação dos ignorantes e dos sábios, que não separa classes ou grupos, apenas distingue sistemas discursivos e seus efeitos literários e sociais. O mundo oficial, se vê rebaixado nos seus aspectos propriamente institucionais como em seus fundamentos ideológicos (BELLEAU, 1984) Portanto a carnavalização, além de inverter as posições hierárquicas, funciona como um contra-discurso oficial que os escritores latino-americanos utilizam em sua ficção. Segundo o autor:

Parece indispensável considerar um grande número de romances latino-americanos como profundamente carnavalizados. A carnavalização vista como uma forma de realismo possível dentro de um mundo com realidades tão diversas. (BELLEAU, 1984: 40)

A seguir abordam-se alguns aspectos do romance *O Recurso do Método* que caracterizam o projeto de escritura de Alejo Carpentier.

### 4 A CARNAVALIZAÇÃO

Todos os personagens da obra possuem igual importância, uma vez que são necessários para o tipo de discurso que a obra veicula, assim dá-se voz, frequentemente, àqueles personagens não tão privilegiados, colocando-os no discurso junto aos considerados centrais ou hierarquicamente superiores. Veja-se um exemplo da conversa do Primeiro Magistrado, o Dr. Peralta e a maiorala Elmira:

E, embora a notícia ainda não seja oficial, sabe-se que os Estados Unidos vão entrar na guerra. Sim, senhor: entram na guerra.” E tal foi o contentamento de ambos que, sem mais delongas, pegaram a maleta Hermès, bebendo grandes goles de Santa Inês. (‘E eu, sou uma cachorra, por acaso?’, disse a maiorala, trazendo rapidamente o copo de escovar os dentes...). (CARPENTIER, 1984: 135)

Neste exemplo, verifica-se que a maiorala Elmira se sente em igualdade de condição social, mesmo sendo apenas uma empregada, quando exige à atenção e consideração do Dr. Peralta e, em especial, do Primeiro Magistrado. Carpentier faz questão de colocá-la, interagindo com as outras duas personagens numa cena palaciana íntima. Este é apenas um exemplo dos muitos que podemos citar de *O Recurso do Método* para ilustrar a carnavalização do discurso de Carpentier. Essa característica do discurso pós-colonial também se faz presente, de maneira peculiar, na produção literária desse escritor.

## 5 UM ROMANCE INTERTEXTUAL

*O Recurso do Método* mistura, com habilidade, personagens, histórias de tempos e lugares diferentes. O seu protagonista, o *Primeiro Magistrado*, encarna o ditador latino-americano. O personagem é uma mescla de variadas dimensões de tiranos latino-americanos de um passado recente, como Machado Ventura, Trujillo, Guzmán Blanco, Cipriano de Castro, Estrada Cabrera, Porfirio Díaz, além de Somoza e Vicente Gómez. O país referido na obra é, também, fruto da mescla das belezas, culturas, histórias e tradições de países da América Central e do Caribe, como Cuba, Santo Domingo, Venezuela, Guatemala, Nicarágua e México. Para tecer a sua obra, ou seja criar e recriar, Carpentier fez uma pesquisa cuidadosa em documentos, tratados, cartas e notícias, já que era sua missão fazer com que seus personagens, cenários e fatos narrados correspondessem à realidade que existiu e existe para além da ficção.

No âmbito do discurso, confrontam-se o discurso canônico com o não-canônico, percebendo-se o registro de uma linguagem comum para a América Latina e, sobretudo, o registro da literatura oral e das línguas autóctones.

Abaixo, pode-se apreciar a incorporação de ditados e frases populares e até do jeito popular de quem não possui muita instrução:

Aí vem a ‘coruja’, exclamava a maiorala Elmira, quando via aparecer, na Plaza Mayor, algum carro de defunto a caminho do cemitério. ‘Que vá só!’, respondia o Primeiro Magistrado, unindo o indicador e o mindinho das duas mãos num sino esconjuratório de Sombras Malignas. ‘Nem o Napolião dirruba o senhor’, concluía a maiorala Elmira,...]. (CARPENTIER, 1984: 128)

Em oposição, tem-se, também, a presença das línguas pertencentes ao discurso canônico central. Aqui, o Dr. Peralta, homem de confiança do Primeiro Magistrado, aproxima-se do Embaixador da França para falar com ele, ironicamente, sobre o discurso do Primeiro Magistrado:

Peralta abandonou seu assento para aproximar-se do embaixador da França e dizer-lhe com ironia bem marcada: ‘Il vous a bien eu, hein? Pás si com que ça, le vieux! ‘Pas si con que ça, en effet’ respondeu o outro, pego de surpresa e muito preocupado de repente.[...] (CARPENTIER, 1984: 145)

A intertextualidade em Carpentier prova ser ele um grande leitor/escritor, que transformou tudo o que leu em sua teoria. Em contrapartida, exige uma competência muito grande de leitura de quem lê sua obra, pela mescla que faz entre as línguas e os discursos.

## 6 A QUESTÃO DA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA

Se olharmos de forma crítica para a tradição literária das Américas, veremos que a tentativa de criar uma identidade americana, tomando como referencia os cânones europeus e excluindo toda produção que não se encaixasse nestes modelos, foi frustrada. Constata-se que a busca de uma identidade passa, necessariamente pelo espaço da Alteridade, segundo expressa Maria Luiza da Silva em 1999:

Do estranhamento de si, da sedução e resistência ao Outro, do eterno retorno ao Mesmo e da transparência sobre a presença estrangeira, imagens gravam na página em branco essa fisionomia multifacetada [...]. (SILVA, 1999: 101)

A identidade vista sob o prisma da alteridade desdobrada permite-nos expressar a realidade cultural híbrida das Américas. Faz-nos compreender que a identidade, assim como o texto literário, é uma paisagem de “múltiplas moradas”, olhada e transformada pelo imaginário.

Carpentier, em *Consciência e Identidade de América Latina*, discurso pronunciado na Aula Magna da Universidade Central de Venezuela afirmava:

[...] é que o homem cidade-século-XX, o homem nascido, crescido, formado em nossas proliferantes cidades de concreto armado, cidades da América Latina, tem o dever incontestável de conhecer os clássicos americanos, de relê-los, de meditar sobre eles, para encontrar suas raízes, suas árvores genealógicas de palmeira, de apamate ou de ceiba, para tentar saber que é, o que é e que papel deverá desempenhar, absolutamente identificado consigo mesmo, nos vastos e turbulentos cenários, onde, atualmente, estão sendo representadas as comédias, os dramas, as tragédias- sangrentas e multitudinárias tragédias- do nosso continente. (CARPENTIER, 1987: 38)

Nesse sentido, constata-se que Carpentier, intelectual comprometido com sua visão do mundo e sua missão como escritor, explicita a necessidade de voltar às origens, ou seja, às raízes para desvendar uma história cultural comum a todos os povos latino-americanos que remete à cultura européia de centro, mas que, uma vez chegada a estas novas terras se mistura e estabelece uma simbiose de culturas, crenças e mitos, gerando uma nova cultura. É a missão do intelectual detectar essas diferenças que são tão importantes na busca da nossa identidade latino-americana. A literatura imita a vida e é nessa perspectiva da busca da identidade que Carpentier faz um apelo à tomada de consciência do papel que deveremos desempenhar na realidade invariavelmente original do nosso continente.

Essa visão do mundo não é diferente na obra em análise. Carpentier faz-se ouvir através do seu polêmico personagem, O Primeiro Magistrado, que, na busca de um discurso inovador, usa o termo latinidade de maneira peculiar:

- Afinal de contas, 'latinidade não significava 'pureza de sangue', nem 'limpeza de sangue'- como se costumava dizer em antiquados termos de Santo Ofício. Todas as raças do mundo tinham-se amalgamado na prodigiosa bacia mediterrânea, mãe da nossa cultura.[...] Dizer 'latinidade' era dizer mestiçagem, e todos éramos mestiços na América Latina; todos tínhamos algo de negro e de índio, de fenício ou de mouro, de gaditano ou de celtibero- [...] Éramos mestiços com muita honra! (CARPENTIER, 1984: 107)

Através da analogia, o termo latinidade remete às nossas origens, remete ao processo de imposição da cultura colonial e de transculturação no nosso continente. Por outro lado, a latinidade mudou de figura ao chegar às nossas terras, quando se mistura com a cultura do negro e do índio, tornando-se diferente. Esta analogia, na busca das nossas raízes, acaba valorizando a nossa identidade no romance.

## 7 HIBRIDISMO CULTURAL

O hibridismo cultural pressupõe a mestiçagem. Benjamin Abdala Junior (2003) cita as palavras de Edouard Glissant e diz:

Em termos culturais – diríamos, como Edouard Glissant –, que o mundo se criouliza. Isto é, torna-se cada vez mais mestiço, abrindo-se cada vez mais sem preconceito para a mistura, para a consideração das formulações híbridas. (ABADALA JR, 2003)

Esta visão do mundo criouliizado já aparece na produção literária de Alejo Carpentier. E, no que diz respeito ao hibridismo cultural na América Latina, o próprio Carpentier no seu discurso Consciência e identidade da América, manifesta que:

[...] esta terra americana foi o teatro do mais sensacional encontro étnico registrado nos anais do planeta: encontro do índio, do negro e do europeu de tez mais ou menos clara, destinados, no futuro, a misturar-se, entremisturar-se, estabelecer simbioses de culturas, de crenças, de artes populares, na mais tremenda mestiçagem já vista... (CARPENTIER, 1987: 36)

No *Recurso do Método*, o escritor trabalha não só a questão do hibridismo racial e cultural mas também polemiza uma questão de atualidade que é “a dos híbridos que se imaginam ‘puros’ e do mestiço que quer ser branco” (ABADALA JR; 2003). No romance, o autor apresenta o termo inglês *Latin colour* usado pelos *ianques* para denominar aos latino-americanos de pele *bronzada* e apresenta alguns dos seus personagens como o *Coronel Walter Hoffman* a quem chama de “prusiano con abuela negra en el traspatio” (CARPENTIER, 1974: 75), isto é, um prussiano que tem um pé na África, mas que se envergonha de ser mestiço e esconde a sua origem.

## 8 A CONTRIBUIÇÃO DO PENSAMENTO DE ALEJO CARPENTIER PARA O PENSAMENTO LATINO-AMERICANO.

*Nós inventamos o que descobrimos; nós descobrimos aquilo que imaginamos.*  
Carlos Fuentes – Valiente Mundo Novo.

À luz dos acontecimentos históricos da Modernidade, do desenvolvimento cultural, da abertura do novo marxismo, da revolução cubana e das urgências a serem resolvidas nesta fase, a Literatura Comparada, na América Latina, viu-se compelida a reformular a sua metodologia e o seu objeto de estudo para abordar realizações literárias que transcendem fronteiras idiomáticas e culturais e, também, direcionar o seu foco de

análise para novos enfoques teóricos. Além disso, foi necessário esboçar uma crítica de fundamentos metodológicos e filosóficos diversos para confrontar diferentes formas literárias, de países distantes e diversos, com o propósito de difundir temas e obras, de contrastar e divulgar particularidades de uma tradição cultural.

Conhecendo a assimetria das culturas latino-americanas pelas suas relações de poder, mas sabendo que estas se encontram em situação análoga, Angel Rama expressa:

[...] a mí me correspondió reinsertar la literatura dentro de la estructura general de la cultura, [...] reconvertir el crítico al proceso evolutivo de las letras comprometiéndolo en las demandas de una sociedad y situar el interés sobre los escritores de la comunidad latinoamericana, en sustitución de la preocupación por las letras europeas. (RAMA, apud BEHAR, 1997: 157-8)

Nesse sentido, a tarefa do comparatismo é a de efetuar uma leitura da produção nacional de um ponto de vista que precise a *diferença* desta com a canonicamente chamada “literatura universal”, compreendida como uma totalidade, onde as particularidades próprias das manifestações culturais específicas eram apagadas. Ao mesmo tempo, propõe-se, através das relações de contraste, ou seja, pela confrontação com *o outro*, a configurar a emergência da própria identidade. Assim, estabelece o centro da reflexão literária nas letras regionais, na sua articulação com as letras latino-americanas com a perspectiva de focalizar os estudos comparados não só no espaço nacional, mas também nos espaços supranacionais que respondam a núcleos de formações sócio-político e culturais. Propõe-se pensar também as produções literárias nacionais, não pela sua relação de parentesco com as dos países do “centro”, senão para marcar sua diferença e especificidade.

Interessa à literatura comparada estudar o escritor cubano não só pela sua contribuição para o pensamento latino-americano, mas sobretudo, por ser o inovador de um movimento literário que contribuiu para processos que são objeto da disciplina comparatista, como o de descolonização cultural, tendo em vista Carpentier, um dos precursores dos estudos culturais e do pensamento pós-colonial. A seguir, explanaremos três questões que, do nosso ponto de vista, são aportes importantes para o estudo.

## 9 A DESCOLONIZAÇÃO CULTURAL

É sabido que o discurso canônico europeu e colonial tinha como referencia a produção dos grupos sociais e economicamente privilegiados, de origem européia, excluindo qualquer outro tipo de manifestação ou produção que não estivesse inserida nos padrões do cânone, como a produção de grupos étnicos e culturais marginalizados. O próprio discurso canônico, e excludente na sua versão colonizadora, apresentava o colonizado na imagem do mestiço, negro e índio selvagem, sujo e incivilizado.

Vários escritores latino-americanos, como o cubano Alejo Carpentier, passam a pôr em xeque essa versão colonizadora e excludente e começam, pela primeira vez, a inverter noções e conceitos, formulando uma nova obra literária, despojada da maneira de olhar do europeu. Assim, iniciam um movimento de descolonização cultural, criando um novo discurso, baseado no autóctone, no folclore. Pela primeira vez, são os vencidos que fazem a história, que falam da América que querem inventar para eles. Essa inversão de conceitos está presente não só no *Recurso do Método*, mas também em toda a sua produção literária, na qual introduz uma nova linguagem e novos temas, como o da identidade, o da mestiçagem, do índio e do negro.

## 10 CRUZANDO LEITURAS E DISCURSOS

Verifica-se que, como parte integrante do processo de descolonização cultural, nasce o discurso latino-americano, no entre-lugar dos dois mundos, do mundo europeu e do americano, como fruto da confrontação entre o discurso canônico de centro e o periférico. Trata-se de um discurso integrador daquelas vertentes não canônicas, dentre as quais podem-se citar as línguas indígenas vivas. Também estão presentes outros registros como o popular, contraposto sempre ao erudito. Esses novos discursos transcendem a chamada “escritura artística” ou “imaginativa” e situam-se na esfera da cultura em geral, fazendo com que o cânone perca o seu sentido unívoco e autoritário e jogando por terra a visão monolítica do idioma canônico.

Na produção literária de Alejo Carpentier e, sobretudo, em *O Recurso do Método*, observa-se um discurso perfeitamente híbrido. Há uma confluência de discursos, uma mistura de registros, entre eles o chamado “popular” ou “literatura oral”, e de elementos das línguas autóctones e “regionalismos” dos países da América Latina na tentativa de criar, a nosso modo de ver, um idioma latino-americano. Esta manifestação latino-americana da língua hispânica contracenava, o tempo todo, na obra, com outros idiomas canônicos como o francês, o alemão e o inglês, criando, no leitor, um certo estranhamento com relação à personagem em questão e, às vezes, cortando possíveis elos de identificação com o “alheio” através de uma barreira lingüística.

Verifica-se também que Carpentier é um pensador interdisciplinar por excelência, trabalha com discursos filosóficos e literários.

De formação multidisciplinar (jornalista, músico, escritor, diplomata) e princípios ideológicos marxistas, Carpentier começou cedo a participar de movimentos políticos de esquerda junto aos mentores da revolução

cubana, Júlío Antonio Mella, Rubén Martínez Villena, e de escritores comprometidos com a revolução, como Raúl Roa, Nicolas Guillén y Juan Marinello. Acusado de *comunista*, foi preso e após a sua libertação foi exilar-se na França. No exílio, recebeu a influência direta do *Surrealismo Francês*, de André Breton mas sempre manteve uma posição crítica no que diz respeito a pouca aplicação reflexiva das teorias surrealistas.

José Emilio Pacheco lembra, no prefácio do romance *O Reino deste Mundo*, que Carpentier definiu certas zonas do surrealismo como a “burocracia do maravilhoso”, e é bom lembrar dessa alusão, porque talvez nesse fato resida, em contrapartida, a origem do real maravilhoso. Talvez, dessa mesma rejeição, derivada de certas deformações e retóricas do surrealismo, Alejo trocou a “burocracia do maravilhoso” pela “maravilha do real”. Estabeleceu contato, através da leitura, com os enciclopedistas franceses, Rousseau, Marx, Lênin e *La Historia me Absolverá*, de Fidel Castro, que ajudaram a conformar a sua visão do mundo. Teve também a oportunidade de conhecer grandes figuras da cultura de “centro”, tais como Pablo Picasso, Federico García Lorca, dentre outros. Por participar ativamente do processo da Revolução Cubana e desempenhar vários cargos diplomáticos para o Governo Cubano, Carpentier pôde viajar e conhecer bem não somente as culturas européias, de “centro”, mas também as latino-americanas, “periféricas” e compilar as chamadas “curiosidades culturais” presentes na sua produção literária e em especial no *Recurso do Método*.

Podemos afirmar, então, que esse escritor transita freqüentemente entre dois mundos, entre o “local” e o “universal”. Sua condição de homem de trânsito, sua avidez cultural e toda sua experiência de vida são aproveitadas de maneira eficiente na sua produção intelectual e literária. Carpentier escreve dentro do seu país e fora dele. Isto faz com que a sua obra nasça no “entre-lugar” dos dois mundos, do discurso de “centro” e de “periferia” e seja desterritorializada.

Em *O Recurso do Método*, assistimos a criação de um personagem, o *Primeiro Magistrado*, que está o tempo todo de passagem, isto é, indo e voltando da Europa para seu país e que é, nem mais nem menos que o território latino-americano com suas belezas naturais e sua riqueza cultural. No romance, não evidenciamos fronteiras geopolíticas, mas sim, uma pátria literária – que o ditador faz questão de frisar – cujas fronteiras não coincidem com as de uma nação.

O fenômeno da desterritorialização é visto através do pensamento de George Steiner (1999) quando este expõe que, de todos os homens, o escritor é aquele que mais encarna o gênio da sua língua materna e que cada língua cristaliza a história e a visão do mundo específica de uma nação. Daí estranha-se, a priori, a idéia de um escritor lingüisticamente “desabrigado”, que não se sinta completamente à vontade na língua da sua produção e, sim, deslocado ou em hesitação na fronteira.

Praticando o que hoje a crítica chama de escritura desterritorializada, assistimos no romance *O Recurso do Método* à ausência de delimitação de fronteiras geopolíticas, isto é, de espaços físicos como os que conhecemos. Trata-se da passagem de personagens pelas terras de *lá* e de *cá*, ou seja, sabemos que o personagem transita fundamentalmente entre a França, os Estados Unidos (as terras de *lá*) e uma terra que resulta ser uma mescla de culturas e da história de países latino-americanos como Cuba, México, Venezuela, Santo Domingo, entre outros (as terras de *cá*).

## 11 UM DIÁLOGO TRANSCULTURAL

A transculturação é o processo típico do desenvolvimento histórico e cultural latino-americano. Fernando Ortiz (apud BOLAÑOS, 1999), em sua crítica ao conceito de aculturação, define a transculturação como o vocábulo que expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque essa não consiste apenas em adquirir uma nova e diferente cultura, que é a rigor apontado pela voz inglesa de aculturação, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou o desprendimento de uma cultura precedente, o que poderia chamar-se de desculturação e também significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais, que poderiam ser denominados de transculturação [...]. (ORTÍZ, apud BOLAÑOS, 1999: 214)

Hoje, a teoria pós-colonial compila seu próprio repertório conceitual, que provém de suas próprias fontes culturais, de seus próprios lugares e situações. A introdução de novos temas comuns ao universo latino-americano, como a crioulação e a mestiçagem, o tema do negro, e do índio, junto a uma nova linguagem transculturada, caracterizam cada vez mais a literatura pós-colonial. No universo narrativo de Carpentier, além da presença de estes aspectos, tem-se também um tema fundamental que é o da busca da identidade humana, cultural e histórica. Tal tema é recorrente em toda sua criação literária e aparece problematizado, já que ele entende a questão da busca da identidade não como algo dado, mas como um processo, ou seja, um ciclo de encontros e perdas, de volta às origens e de projeção para o futuro. Isso se reflete de maneira coerente e profunda na multiplicidade de seus referentes transtextuais. Nessa busca, Carpentier dá voz aos despossuídos e marginalizados e são eles os que vão se confrontar com o poder alienante e vão nos conduzir à identidade.

Nesse sentido, Carpentier concerta vozes de origens e de tempos diferentes, mas que têm características em comum, inscrevendo seu discurso não só na cultura hispânica e européia, como também na africana, interagindo na narração e integrando-se no curso da história nacional e americana em sua transculturação. A

escrita assimila textos anteriores, mas mantém a liderança de sentido do texto central com seus numerosos entrecruzamentos. A presença do estilo popular cria uma série de correspondências multidirecionais, integrador e de fontes heterogêneas. Carpentier imbrica questões históricas de maior alcance universal com as nacionais e, através da metáfora, acaba fazendo alusão à história americana, fazendo coincidir a história alegórica com a factual e a crítica historiográfica.

O seu texto híbrido, pluridiscursivo, é representativo de um riquíssimo processo de transculturação. Em *O Recurso do Método*, como de resto em toda a sua produção literária, o autor joga artisticamente com a dialética de semelhança e diferença, continuidade e ruptura, universalidade e nacionalismo, identidade e alteridade como uma forma de conceber a busca da identidade. É pela confrontação de diversos olhares, visões do mundo e tempos e de múltiplas vozes que, o autor abre o diálogo entre as partes do seu discurso, entre textos e culturas, tornando sua intertextualidade peculiar.

Quem lê Carpentier aprende sobre a história de Cuba, ou da Venezuela, ou do México, porque lê sobre a história da América Central e do Caribe; aprende a conhecer melhor o seu povo, a sua cultura, os seus mitos, a sua religiosidade e a sua tradição, porque lê e conhece a realidade, cultura e tradição desses povos. Carpentier consegue, de maneira eficaz, integrar histórias e culturas nacionais numa só: a história e a cultura latino-americanas.

A produção literária de Alejo Carpentier não somente faz alusão à descoberta e à invenção da América pelos europeus, como ajuda a identificar traços específicos das literaturas hispânicas e latino-americanas. Tanto suas obras com as de escritores como Carlos Fuentes, Vargas Llosa, Angel Rama, García Márquez, Jorge Luis Borges são responsáveis por uma verdadeira revolução cultural e literária na América Latina; seus textos dão origem a invenção do discurso crítico latino-americano. Mais do que precursores de uma nova teoria literária esses escritores dão nascimento a uma nova teoria cultural que tenta “explicar”, isto é, inventar a América, segundo a versão dos colonizados, que vão buscar reinventar suas origens e traçar o seu futuro.

Em artigo sobre literatura comparada na América Latina, Tania Carvalhal afirma:

Com efeito, as ficções latino-americanas têm-se pautado marcadamente pela possibilidade de reinventar um passado a partir do presente, pela capacidade de repovoar os espaços por um resgate das origens que a colonização havia apagado. Daí a frequência com que a ficção e história se mesclam nessas produções do mesmo modo como nelas atuam imaginação e memória. (CARVALHAL, 1996: 465).

No caso especial do escritor cubano Alejo Carpentier, através da obra *Recurso do Método*, são feitos aportes importantes para a produção literária latino-americana e mundial, integrando as histórias e culturas nacionais dessa parte do Novo Mundo numa história e cultura latino-americanas, de marca inconfundível pelos seus mitos e lendas, pela beleza e riqueza cultural e inserindo-as na literatura universal. Ao falarmos da contribuição deste autor, não podemos deixar de mencionar o seu real maravilhoso, recurso inovador que utilizou numa sequência de romances para mostrar como é possível ler e achar a beleza e a maravilha na realidade e no cotidiano dos povos latino-americanos.

Acreditamos que ao longo da obra aqui escolhida, *O Recurso do Método* consegue fornecer, através de excelentes descrições, entrecruzamento de discursos e elementos culturais, evidências da presença do real maravilhoso. Tendo clara sua missão de escritor, Alejo Carpentier colocou o real maravilhoso em função do resgate da história latino-americana. Deu-se a tarefa de criar, recriar, dentro dos limites constituídos por documentos, tratados e cartas, personagens, cenários e fatos que se fazem reais através do ficcional. Quando falamos de Alejo Carpentier, pensamos imediatamente no escritor Alejo Carpentier e não no intelectual comprometido com sua visão do mundo, no político preocupado com o destino dos povos latino-americanos. Tudo isso pode ser constatado numa série de trabalhos e publicações.

Ao longo deste estudo, tentou-se explicar, de maneira sucinta, através da análise do *corpus* literário e com base em algumas reflexões teóricas imprescindíveis para o trabalho, algumas noções que interessam à literatura comparada, tais como a intertextualidade, os entrecruzamentos, o hibridismo cultural e literário, a descolonização cultural, o discurso desterritorializado, a questão da identidade e o diálogo transcultural.

O percurso intelectual e a formação acadêmica de Alejo Carpentier se fazem presentes em seu pensamento interdisciplinar. Carpentier trabalha com discursos filosóficos, literários dentre outros.

Mario Benedetti (1980) em *Homenaje a Alejo Carpentier* comenta sobre a importância da produção literária deste autor não somente para a literatura latino-americana, como também para a literatura universal e neste sentido diz:

[...] no sólo nos deja una visión, sino un recurso del método para erigirla. La literatura muestra, no demuestra, plantea si quiere cumplir su misión. Y Carpentier nos muestra como se puede no tener miedo a decir lo no dicho antes; mostrar lo que nunca se vio. Ha escrito nuestro mundo en la literatura universal. (BENEDETTI, 1980: 61)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



ABDALA JR., Benjamin. *Fronteiras múltiplas, identidades plurais*. II Colóquio Sul de Literatura Comparada e Encontro ABRALIC, Porto Alegre, jul/ago, 2003.

ANTELO, Raúl. Uma literatura centáurica. In: *Revista Iberoamericana*. v. LXIV, n.183-184, enero-junio, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Hucitec, 1990.

BELLEAU, André. Carnavalesque pas mort? In: *Études Françaises*. v. 20, n.1. Printemps, 1984.

BENEDETTI, Mario. Homenaje a Alejo Carpentier. In: *Cuadernos Americanos*. México. v.39, n.4 (jul/agosto 1980) p. 53-61.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura, e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERND, Zilá; CAMPOS, Maria do Carmo (orgs.). *Literatura e Americanidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1995.

BERND, Zilá; LOPES, G. Cícero (orgs.) *Identidades e Estéticas Compósitas*. Porto Alegre: Centro Universitário La Salle. Programa de Pós-Graduação em Letra/UFRGS, 1999.

BITTENCOURT, Gilda. Comparatismo e textualidade. In: \_\_\_\_\_. *Transversões comparatistas. I Colóquio sul de literatura comparada e encontro de GT de literatura comparada da ANPOLL*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, PPG/ Letras, 2002.

BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BOLAÑOS, Aimeé. “Alejo Carpentier: o concerto da transculturação e da identidade”. In: . CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 3.ed. São Paulo: CIA. Editora Nacional, 1973.

CARPEAUX, O. M. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: Cruzeiro, 1959- 1966. 8.v.

CARPENTIER, Alejo. *El Recurso del Método*. México, España, Argentina, Colombia: Siglo Veintiuno, 1974.

\_\_\_\_\_. *Ensayos*. La Habana: Editorial Letras Cubanas. 1984.

\_\_\_\_\_. *O recurso do método*. São Paulo: Marco Zero., 1984. Trad. Beatriz Cannabrava.

\_\_\_\_\_. *O reino deste mundo*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1985. Trad. João Olavo Saldanha.

\_\_\_\_\_. Consciência e identidade da América. In: \_\_\_\_\_. *A literatura do maravilhoso*. Trad. Rubia Prates Goldoni e Sergio Molina. São Paulo: Vértice, 1987. p. 35-41.

CARVALHAL, Tania. A crítica da crítica: os primórdios. In: CARVALHAL, Tania (org.). *O discurso crítico na América Latina*. Porto Alegre: IEL, 1996.

\_\_\_\_\_. *Literatura comparada*. 4.ed. São Paulo: Ática. 2001.

\_\_\_\_\_. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

CARVALHAL, Tania (org.). *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

\_\_\_\_\_. *Literatura comparada no mundo: questões e métodos – Literatura comparada em el mundo: cuestiones y métodos*. Porto Alegre: L&PM/VITAE/AIRC, 1997.

CHIAMPÍ, Irlemar. *O realismo maravilhoso. Forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 1980.

COSSON, Rildo. O futuro das letras na Literatura Comparada: as zonas limiares. In: \_\_\_\_\_. *O presente e o futuro das letras: literatura comparada, história da literatura, formação do profissional de letras*. Pelotas: PPG Letras/ UFPEL, 2000.

COUTINHO, Eduardo. *O processo de descolonização literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

\_\_\_\_\_. Fronteiras imaginadas: o comparatismo e suas relações com a teoria, a crítica e a historiografia literárias. In: *Leituras do Ciclo*. BARROS, Ana Luiza; ANTELO, Raúl (orgs.). Florianópolis, ABRALIC, Chapecó: Grifos, 1999. p 247-254.

\_\_\_\_\_. A reconfiguração de identidades na produção literária da América Latina In: *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos no comparatismo*. CARVALHAL Tania (org). Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1999.

\_\_\_\_\_. Remapeando América Latina: para uma nova cartografia literária do continente. *II Colóquio sul de literatura comparada e encontro ABRALIC*, Porto Alegre, jul/ago, 2003.

DURAN, Juan Luzio. Nuestra América, el gran propósito de Alejo Carpentier. In: *Cuadernos Americanos*. México, v. 39, n. 6 (nov/dec 1980) p. 22-34.

GUILLÉN, C. *Entre lo uno y lo diverso*. Barcelona: Editorial Crítica, 1985.

HOISEL, Evelina. Os discursos sobre a literatura: entrecruzamentos. In: COSSON, Rildo (org.). *O presente e o futuro das letras: literatura comparada, história da literatura, formação do profissional de letras*. Pelotas: PPG Letras/ UFPEL, 2000.

LOSA, Margarida; SOUZA, Isméma; VILAS-BOAS Gonçalo (orgs.). *Literatura comparada novos paradigmas*. Porto: Afrontamento, 1996.

NAVARRO, Marcia Hoppe. *Romance de um ditador*. São Paulo: Ícone, 1989.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada* 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

SILVA, Maria Luiza. Poesia e alteridade: Mário de Andrade, Augusto Meyer e a paisagem das ‘múltiplas moradas’. In: CARVALHAL, Tania (org.). *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos no comparatismo*. Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 1999. p. 101.